



continuaram morando juntos na casa, ganhando muito dinheiro, graças à sua habilidade nas respectivas profissões. E assim viveram, durante muitos anos, muito felizes, até a velhice. Afinal, quando um deles adoeceu e morreu, os dois outros sentiram tanto a sua morte que acabaram também adoecendo e morrendo. E, como eram tão unidos, tão amigos, foram todos enterrados no mesmo túmulo.

31. A MOÇA DOS GANSOS

Era uma vez uma velha Rainha, cujo marido morrera há muito tempo, e que tinha uma linda filha. Quando se tornou adulta, a princesa ficou noiva de um príncipe que morava muito longe. Ao chegar a data do casamento, tendo a jovem de fazer uma longa e demorada viagem, sua mãe juntou para ela muitos valiosos vasos de ouro e de prata, e outras peças também de ouro e prata, e taças e pedras preciosas, em suma: tudo que devia fazer parte de um dote real, pois a Rainha amava sua filha do fundo do coração.

Também mandou com a jovem princesa sua criada de quarto, que tinha de acompanhá-la e entregá-la ao noivo. E cada uma recebeu um cavalo para a viagem. O cavalo da princesa se chamava Falada, e sabia falar.

Quando chegou a hora da partida, a velha mãe entrou em seu quarto de dormir, pegou uma faquinha e deu um corte em um dedo, depois pegou um lenço branco no qual deixou cair três gotas de sangue e o entregou depois à filha, dizendo:

— Querida filha, guarde com todo o cuidado este lenço, que ele te poderá ser útil durante a viagem.

As despedidas foram muito sentidas, como era de se esperar. A princesa guardou o lenço no regaço, montou a cavalo e partiu ao encontro do noivo. Algum tempo depois, sentiu muita sede e disse à criada de quarto:

— Apeia, toma o copo que trouxeste e enche-o com a água daquele riacho, pois estou com muita sede.

— Se estás com muita sede, apeia tu mesma e vai beber a água daquele riacho — respondeu a criada. — Não fui eu que quis ser tua criada de quarto.

Sedenta como estava, a princesa não teve outro recurso, senão apear, caminhar até o riacho, debruçar-se sobre ele e beber água, não podendo utilizar o copo de ouro.

— Meu Deus! — exclamou ela então.

E as três gotas de sangue no lenço disseram:

— Se tua mãe souber disso, vai morrer de pesar.

A princesa era tímida, calou-se, montou a cavalo. Como, porém, o dia estava muito quente, algumas milhas adiante sentiu de novo uma sede insuportável e disse à criada:

— Apeia e dá-me um pouco de água em meu copo de ouro.

Mas a arrogante serviçal replicou:

— Se queres beber, vai tu mesma. Não fui eu que quis ser tua criada de quarto.

Sem suportar a sede, a princesa teve de apeiar, debruçar-se sobre o regato e beber.

— Meu Deus! — exclamou.

E, mais uma vez, as três gotas de sangue disseram:

— Se tua mãe souber disso, vai morrer de pesar.

Quando, porém, a princesa se debruçou sobre o regato, o lenço com as três gotas de sangue caiu dentro da água, sem que ela notasse nem mesmo que ele ficou flutuando, tão grande era a sua perturbação. A criada, porém, viu imediatamente que acontecera e ficou satisfeitiíssima, pois sabia que agora, privada do lenço com as três gotas de sangue, a princesa se tornara fraca e desamparada. Assim, quando ela quis de novo cavalgar Falada, a criada disse:

— Eu prefiro ficar com Falada e tu cavalgarás meu pangaré.

E a princesa teve de se submeter à imposição. Depois, a criada, ameaçando e insultando, a obrigou a despir-se de suas vestes reais e trocá-las por sua própria roupa, pobre e feia e ainda a obrigou, sob juramento, a não contar o que acontecera a ninguém da corte. Se violasse o solene juramento proferido, seria morta. Falada, porém, observou muito bem tudo o que se passou.

A criada cavalgou Falada e a princesa montou no pangaré e assim as duas viajaram, até chegarem ao palácio real que era o seu destino. Ali, foram recebidas com grande regozijo, e o príncipe correu ao encontro da suposta noiva, na verdade a criada de quarto, enquanto a princesa real ficava embaixo.

Tendo chegado à janela, o velho Rei a viu em pé no pátio, e notou sua beleza e a expressão de bondade em seu rosto, e perguntou à suposta noiva quem era ela.

— É uma moça que apanhei no caminho para me acompanhar — disse a criada de quarto. — Convém dar-lhe algum trabalho para fazer, a fim de que não fique ociosa.

O Rei não se lembrando de nenhum determinado serviço de que a encarregasse, teve, porém, uma idéia:

— Há um menino que toma conta dos gansos. Ela poderá ajudá-lo.

Assim, a jovem princesa teve de ajudar o menino, que se chamava Conrado, a cuidar dos gansos.

Pouco depois, a falsa noiva disse ao príncipe real:

— Queria pedir-te um favor, meu querido. Poderás fazer-me?

— É claro, querida — respondeu o príncipe. — Dize qual é, e o teu desejo será satisfeito.

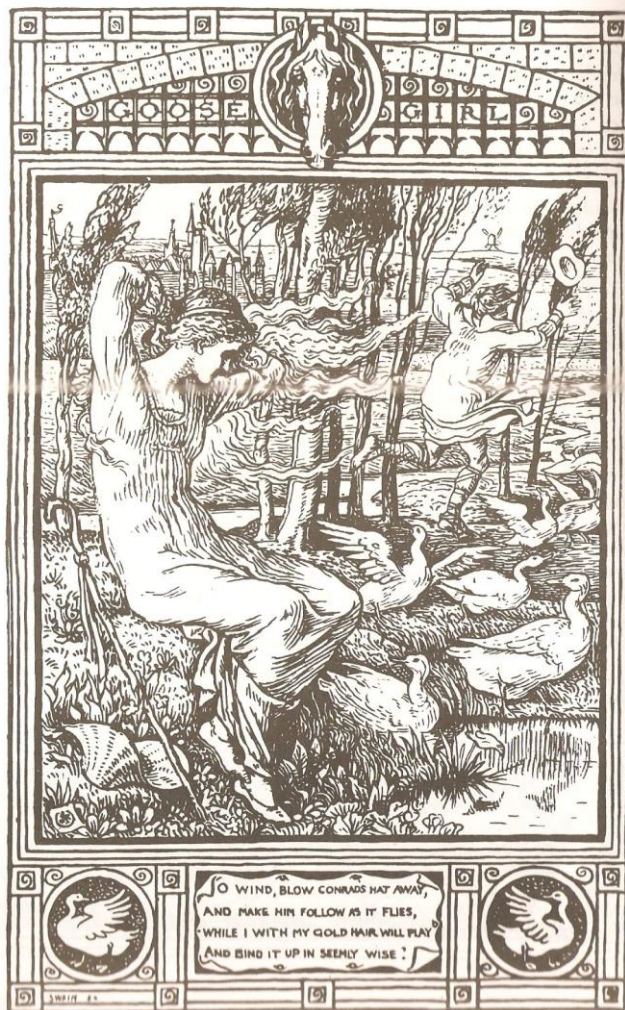
— Então, manda o magarefe cortar a cabeça do cavalo em que viajei e que atormentou-me a viagem toda.

Na realidade, a malvada estava com medo que o animal, que sabia falar, revelasse o que realmente acontecera.

Assim, o fiel Falada tinha que morrer. Isso chegou aos ouvidos da verdadeira princesa, que, então, prometeu pagar ao magarefe uma moeda de ouro, se ele lhe prestasse um pequeno serviço. Havia na saída da cidade um grande portão negro, pelo qual ela passava toda manhã e toda tarde, quando levava e trazia os gansos para o campo. Queria que ele pregasse naquela porta a cabeça de Falada, para que ela o pudesse ver frequentemente. O magarefe prometeu fazer o seu desejo, e, depois de cortar a cabeça do cavalo, pregou-a no portão da cidade.

De manhã bem cedo, quando ali passava em companhia de Conrado, ela disse:





Pobre Falada, ali pregado!

E a cabeça replicou:

*Pobre princesa, um triste fado!
Se tua mãe soubesse um dia,
Seu coração se partiria!*

Depois os dois saíram da cidade e levaram os gansos para o campo. E, quando lá chegaram, a princesa sentou-se e desprendeu os cabelos, que eram louros como o ouro puro, e Conrado, achando lindos os cabelos, tentou arrancar-lhe alguns fios. E ela disse então:

*Sopra vento, vento do céu,
Leva para longe o seu chapéu.
Que ele o procure, aflito, ali
E eu meu cabelo ajeite aqui.*

E então, soprou um vento tão forte que arrancou o chapéu de Conrado e o levou para longe, obrigando-o a correr para procurá-lo. Quando ele voltou, a jovem já havia acabado de pentear os cabelos, e Conrado ficou furioso, porque não podia arrancar-lhes nem um fio. E os dois não trocaram mais uma palavra, até que, ao anoitecer, voltaram para a cidade.

No dia seguinte, quando atravessaram a porta da cidade, a jovem disse:

Pobre Falada, ali pregado!

E a cabeça replicou:

*Pobre princesa, um triste fado!
Se tua mãe soubesse um dia,
Seu coração se partiria!*

E, como na véspera, ela se sentou no campo e começou a pentear o cabelo e Conrado tentou arrancar-lhe uns fios, e ela gritou:

*Sopra vento, vento do céu,
Leva para longe o seu chapéu.
Que ele o procure, aflito, ali
E eu meu cabelo ajeite aqui.*

E, então, soprou um vento muito forte, que arrancou e levou para longe o chapéu de Conrado, obrigando-o a correr atrás dele. Quando voltou, a moça já estava com o cabelo bem penteado, e os dois ficaram tomando conta dos gansos até o anoitecer.

Conrado, porém, procurou o velho Rei, e disse-lhe:

— Não posso mais continuar tomando conta dos gansos com aquela moça!

— Por que não? — perguntou o velho Rei.

— Porque ela me atormenta muito.

O Rei mandou então que ele contasse tudo que acontecera. E Conrado narrou, minuciosamente, o motivo de seu descontentamento, a corrida atrás do chapéu, não se esquecendo também do que se passava na porta da cidade.

O Rei ordenou ao menino que, no dia seguinte, levasse os gansos para fora da cidade, como vinha fazendo, a fim de que o caso pudesse ser esclarecido. E, de manhã bem cedo, foi ele próprio se esconder atrás da porta da cidade, e pôde observar o que, mais uma vez, se passou entre a moça dos gansos e a cabeça do cavalo.

Depois, o Rei se escondeu em um pequeno bosque, junto do prado onde Conrado e a moça tomavam conta dos gansos. E viu, com seus próprios olhos, a moça pentear os cabelos e provocar uma ventania, que arrancou o chapéu do menino e o levou para longe.

O Rei se afastou, sem ser percebido, mas à noite chamou a moça e pediu que ela explicasse o motivo de sua atitude. E ela falou:

— Não posso dizer o motivo, e não me atrevo a lamentar a minha sorte e contar o que tenho sofrido a nenhum ser humano, pois jurei, solenemente, que tal não faria. Se eu perjurasse, perderia a vida.

— Se não queres me contar o que te atormenta, conta àquele fogão — disse o Rei.

E retirou-se do aposento, enquanto a moça agachou-se junto do fogão e desabafou:

— Aqui estou, abandonada por todo mundo, e, no entanto, sou uma princesa e uma criada de quarto traidora apanhou-me de tal modo que fui forçada a entregar-lhe as minhas vestes reais e ela ocupou o meu lugar junto do príncipe meu noivo e eu tive de executar serviços rudes, como guardadora de gansos. Se minha mãe soubesse disso, seu coração se despedaçaria.

O velho Rei estava ouvindo tudo, pela chaminé do fogão. E, quando a princesa se calou, ele a foi buscar, mandou vesti-la com os trajes reais e ficou admirado ao ver o quanto ela era bela. Chamou então o filho e lhe revelou que a sua pretensa noiva não passava de uma criada de quarto.

O príncipe rejubilou-se quando viu a beleza de sua verdadeira noiva, e foi preparada uma grande festa, para a qual foram convidadas todas as pessoas importantes do reino. Na cabeceira da mesa do banquete sentou-se o príncipe, tendo de um lado a princesa e do outro a criada. A criada, porém, foi atingida por uma perturbação visual, e não reconheceu a princesa vestindo os trajes reais.

Depois de todos terem comido e bebido à farta, e quando reinava muita animação e alegria, o velho Rei perguntou à falsa princesa que castigo mereceria uma pessoa que agisse para com quem devia obediência e respeito de maneira desobediente e desrespeitosa. E, para exemplificar, descreveu um procedimento igual ao que a criada de quarto tivera com relação à princesa.

E a falsa criada respondeu:

— Merecia, como castigo, ser metida, inteiramente nua, em um barril repleto de pontas de prego na parte interna, e ser arrastada por um cavalo por um longo percurso, até morrer estraçalhada.

— Acabas de pronunciar a tua própria sentença de morte! — exclamou o Rei.

E, quando foi executada a sentença, o príncipe se casou com a princesa, e os dois viveram alegres e felizes, por muitos e muitos anos.

